



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda do Secretário**

código  
**AII-F11-Vas**

localização  
**Rodovia RJ-115 (Vassouras sentido Ferreiros – 4º distrito)**

município  
**Vassouras**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



Fazenda do Secretário, fachada principal

coordenador / data **Sônia Rachid – mai 2009**  
equipe **José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

Partindo da cidade de Vassouras, através da rodovia RJ-115, no sentido do distrito de Ferreiros, percorrendo-se 8,5 km em estrada de terra até uma bifurcação e, a partir desta, pela esquerda, mais 5,5 km até alcançar a entrada da fazenda.

Os portões de ferro que marcam a entrada da fazenda, ladeados por pilastras de formas simples (f01), não dão a ideia do impacto que o visitante desavisado terá, logo a seguir, diante da monumentalidade e beleza do conjunto arquitetônico que se vislumbra e dos seus majestosos jardins (f02). Este acesso é feito pelos fundos da propriedade, através de um caminho em pedra que corre sobre o gramado. À esquerda, acompanhando este caminho, um gradil de ferro intercala-se às simétricas colunas revestidas por hera, que toma a forma de topiarias geométricas (f03 e 04).

A espessa e diversificada cobertura arbórea do jardim que se destaca à direita compõe um belíssimo parque de grandes dimensões, com alamedas ensaibradas que vão serpenteando entre os gramados, margeadas por aleias de palmeiras imperiais (f05). Frondosas árvores nativas e exóticas, ornamentais e frutíferas são distribuídas entre lagos com fontes e cascatas (f06 e f07). Aproveitando a topografia íngreme do terreno, os caminhos alternam-se entre o jardim de inspiração inglesa e o simétrico jardim francês, com topiarias e estatuetas (f08). No topo do terreno, há um coreto em ferro fundido com cobertura de folha de zinco, situado numa “ilhota” dentro de um lago artificial (f09). Na margem do ribeirão, num espaço alteado com piso em cantaria, há um local que outrora foi – muito possivelmente – um espaço especial de contemplação (f10).

Da ponte sobre o Ribeirão do Secretário, observa-se o lajeado de pedra que avança até a água corrente, provável local de trabalho das lavadeiras (f11). Deste ponto, pode-se avistar a antiga tulha, utilizada como depósito que, alteada, tem arrimo em pedra que se insere numa paisagem com forração de flores, tendo ao fundo a moldura de morros com densa mata (f12). Este era o local onde a construção se estendia, formando um “L” invertido. Tem a ladeá-la, pela direita, um grande gramado que se estende junto ao ribeirão (f13). Nos fundos, próximo a uma queda d’água, existem as ruínas de uma antiga pocilga (f14).



01



02



03



04



05



06



07



08



09



10



11



12



13



14



15



16



17



18

Demarcando a entrada para o “quintal” do casarão há um portão de ferro entre colunas encimadas por pinhas de louça. Este pátio mais próximo ao acesso distribui, entre canteiros, os caminhos para a sacristia da capela (f15) e para a escadaria em pedra do bloco de serviços. A ponte arqueada, com estrutura e guarda – corpo de ferro e piso em madeira, é um verdadeiro ornamento romântico que se integra ao jardim (f16). Ultrapassando-a, chega-se à magnífica cachoeira, com quase dez metros de queda d’água. Observa-se que a implantação do solar foi estrategicamente projetada para ficar sobre as rochas, bem junto ao despenhadeiro, com o vale se revelando na bela paisagem (f17, f18 e f19).

O caminho que leva à entrada principal, se estreita quando passa junto a lateral esquerda da casa, onde está localizada a capela (f20). A escada à direita leva para o antigo terreiro de café, com piso em pedra lavrada, localizado em frente ao depósito (antiga tulha) (f21 e f22). Oposta à escada, uma passagem leva para a calçada em cantaria, que contorna a casa apalacetada em direção a porta principal.

Um caminho gramado contíguo ao exuberante jardim principal – separado deste por uma mureta com soco de pedra e paredes em cobogós de cerâmica (f23) que recebe sebes e roseiras – leva ao pavilhão com a torre sineira (f24).



19



20



21



22



23



24

O paisagismo do grandioso jardim que se estende à frente da casa-sede é valorizado pelo delicado desenho das topiarias, em forma de volutas, compondo um quadro com matizes variados de verdes que contrastam com o amplo gramado em tons e sobretons, entremeados pelas exuberantes mussaendras róseas (f25 e f26). Destacam-se, ainda, as belas estátuas e obras de arte da famosa fundição francesa Val d’Osne, que se distribuem pelo jardim e para onde convergem os olhares (f27 e f28).



25



26



27



28

O solar da Fazenda do Secretário, com sua beleza imponente, configura-se em referência histórica e arquitetônica no panorama das fazendas do Médio Vale do Paraíba, pela horizontalidade, ritmo constante e simetria das esquadrias (f29).

A sua monumentalidade é acentuada pela qualidade paisagística dos amplos jardins e parques que a cercam e pela extensão de sua fachada principal. A horizontalidade de seu corpo frontal é, ainda, ressaltada em suas extremidades pela presença de frontões triangulares embasados por cornijas denticuladas e com faixas de díglicos – espécies de tríglifos imperfeitos inventados por Vignola –, que sobressaem abaixo do beiral pronunciado em balanço. Seus tímpanos são delimitados por frisos salientes de larguras diversas e denticulos e ornamentados ao centro por uma estrela inscrita em moldura circular em estuque, traduzindo glória e poder (f30).

A edificação, com dois pavimentos, comporta três tramos de composição. O central, composto por nove vãos em cada andar, é destacado no seu eixo, no térreo, pela presença da porta principal de entrada do solar, com sua verga em arco pleno. Todos os demais vãos de janelas possuem vergas e sobre-vergas retas.

Nos tramos dos extremos há, por pavimento, dois vãos. No térreo havia uma porta interna e uma janela no extremo, arranjo que se perdeu no tramo à direita, onde a porta teve seu vão entaipado, tornando-se uma janela semelhante as demais. Todas as cercaduras são em madeira, bem como suas sobrevergas, mantendo as guilhotinas externas brancas em caixilhos de vidro, com desenhos geométricos diferenciados para cada pavimento, e folhas cegas no interior. As portas são almofadadas, com duas folhas, em madeira envernizada, apresentando a central, mais trabalhada e de maiores dimensões, aldrava antropomorfa, bandeira fixa em caixilho de vidro radial, cercaduras com ombreiras com bases em pedra ressaltadas e capitéis dóricos (f31 e f32). Seu acesso é feito através de escada em pedra lavrada com 3 degraus, ladeada por dois mancebos em ferro fundido, que portam luminárias com mangas circulares (f33).

Frisos e pilastras simples delimitam os pavimentos e os tramos de composição, respectivamente. Os cunhais tem base em pedra lavrada e arremates em capitéis dóricos (f34). Finaliza a composição, sublinhando os frontões e o telhado, uma cimalha em madeira, ricamente ornamentada com barrado decorativo.



29



30



31



A casa-sede apresenta em planta baixa o formato de um “U” (f35). Na fachada lateral esquerda (correspondente ao tramo frontal esquerdo), está situada a capela, com porta frontal de verga reta envernizada. Nessa fachada lateral existem dois óculos e três janelas de folhas cegas, havendo, nos fundos, uma escada que leva à sacristia e mais uma janela e dois óculos, complementando a ventilação (f36).



32



33



34



35



36



37

Nesta área dos fundos, a faixa correspondente ao porão baixo é revestida por hera, mantendo apenas uma entrada para visita. O acesso para a área de serviço se faz por um lance de escada em pedra. Sob as janelas da cozinha, existe um tanque em cantaria revestido com ladrilho de cerâmica, cujas bicas são antigas carrancas de leão (f37 e f38). Vale chamar a atenção para os três tipos de caixilhos utilizados nas janelas de guilhotina da fachada dos fundos (f39). Na cozinha, destaque para uma porta envidraçada de duas folhas, com guarda-corpo de taliscas de madeira, abrindo-se sobre as pedras da cachoeira que, na litografia de Victor Frond, indica ser, provavelmente, o local de uma latrina ou cloaca (f40 e f41).

No lado da casa que está voltado para o vale, onde a cachoeira deságua, o primeiro pavimento tem acesso por uma varanda descoberta, sobre uma laje com pilotis estruturados nas rochas (f42). Observa-se, na iconografia (provavelmente da década de 1950), que ela se estendia até a face da fachada frontal (f43). Num nível mais baixo, foi construído um banheiro de alvenaria para uso dos turistas (f44).

A base da casa é formada por espessas paredes de pedra seca (f45) e o arcabouço é estruturado em madeira (pilares, madres, barrotes e frechais), com o fechamento das paredes em pau a pique e o emprego de pilares de concreto armado na varanda externa.

Telhas de cerâmica do tipo capa e bica recobrem o casarão, com o emprego de laje na área da cozinha, sendo mantidas as peças do beiral encachorrado.

Internamente<sup>1</sup>, o assoalho em tabuado de madeira reveste todos os cômodos das áreas íntimas e sociais. Os banheiros e áreas de serviço mantêm o piso frio de ladrilho de cerâmica, com azulejos nas paredes. No térreo, sob a varanda lateral, foi mantido o ladrilho hidráulico e, na cozinha, o piso é cimentado. O forro em saia e camisa prevalece na maioria dos ambientes, com belas paginações geométricas e cimalthas artesanais. As portas internas, de duas folhas cegas, almofadadas, são patinadas em tom acobreado, realçando ainda mais as ricas bandeiras envidraçadas.



38



39



40



Fazenda do Secretário, litografia de Victor Frond, meados séc. XIX (acervo IPHAN). 41

No vestíbulo do solar, destaque para a elegante escada de madeira envernizada, iniciando com dois lances simétricos que se unem para chegar ao pavimento superior. Apresenta guarda – corpo em balaustrada torneada e acabamento com finas pinhas de cristal de Murano.

O pavimento térreo mantém capela – com altura dupla ocupando todo o tramo da esquerda –, salas de visita e refeições, escritório, quartos e serviços. Os grandes salões possuem pinturas parietais, cujos temas estão de acordo com a função dos espaços. São guirlandas e painéis românticos, e barrados decorados na técnica de *trompe-l'oeil* dando aspecto de marmorização. Noutro salão, a paisagem em pintura a óleo que ocupa a extensão de uma parede é atribuída ao pintor espanhol José Maria Villaronga.

No andar superior, as salas são nobres, amplas, e recebem, além das pinturas parietais, ornatos mais rebuscados. Na sala de jantar, todos os vãos de parede entre as portas tem painéis com pinturas que remetem à diversidade dos alimentos e das bebidas brasileira e europeia. Completa este andar vários quartos, sala de banho, varanda descoberta com guarda – corpo em ferro trabalhado (f46 e f47) e acesso para o mezanino da capela.

A antiga tulha, com embasamento de pedras, paredes mistas de pau a pique e tijolo maciço, tem esquadrias e gaiola estrutural em madeira, com cobertura de telha capa e bica. Mantém um depósito no pavimento superior (f48) com escada e assoalho em madeira e, no térreo, um espaço com piso de pedras e robustos esteios de madeira (f49), utilizado para eventos diversificados. Um vão permite a passagem de veículos, que estacionam no largo gramado dos fundos (f50).

A existência de engrenagens em área com piso e socos de pedra é indício de que este era o local do antigo moinho. Junto à edificação, as canaletas e a murada em pedra revelam resquícios das outras construções que compunham o quadrilátero funcional (f51 e f52).



42



Fazenda do Secretário, fachadas frontal e lateral direita s.a., c.1950 43  
(acervo IPHAN)



44



45

Na edificação com torre sineira, destaca-se o belo relógio francês (f53 e f54). Esta era uma das antigas construções que foi totalmente refeita com materiais atuais, mas mantendo todos os detalhes originais, como os cunhais com bossagem em madeira, o lambrequim arrematando os beirais, o telhado de folha de zinco com formato de agulha e o frontão triangular que termina com pináculos (f55). A torre sineira recebe, em seus vãos, ornatos rendilhados. Atualmente, este pavilhão abriga um amplo espaço utilizado para eventos culturais (f56).

Próximo, a desativada casa de força é uma construção peculiar que remete ao estilo das fábricas inglesas, com cobertura de telha francesa e paredes de tijolos prensados. Exibe vários arranjos de cobogós em cerâmica, preenchendo os vão de forma interessante (f57 e f58).



46



47



48



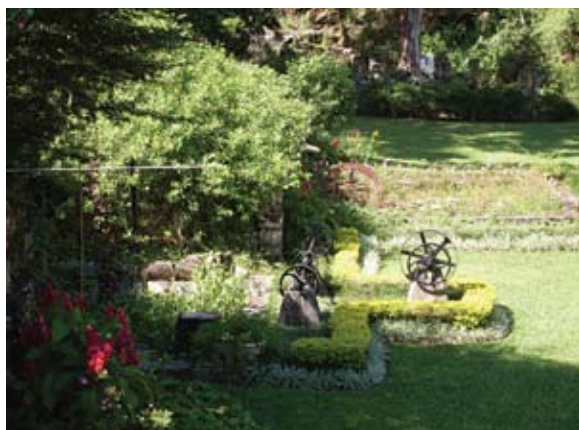
49



50



51



52



53



54



55



56



57



58

Seguindo, há uma encosta com arrimos de pedra, rampas e escadas que levam a vários platôs gramados (f59). Mais acima, uma piscina desativada e a caixa d'água com as canaletas em pedra rasgando o terreno (f60) e direcionadas para o terreiro de café.

Por fonte oral, registra-se que o antigo acesso para a fazenda era junto a essas edificações, no caminho, calhas em pedra lavrada na base do barranco (f61).



59



60



61

---

<sup>1</sup> Não foi autorizada pelos proprietários a inclusão de fotos do interior, nem o registro das plantas de arquitetura do solar.

O interior da casa-sede é um primor, refletindo o cuidado na conservação do edifício, porém, com a intervenção que substituiu a cobertura original da cozinha, de telhas de cerâmicas, por uma laje, são visíveis as infiltrações descendentes, bem como a pesada descaracterização do conjunto (f62 e f63).



62



63



64



65



66



67

O embasamento apresenta descolamento da pintura e manchas de umidade provenientes de infiltrações e respingos de águas pluviais (f64). Há algumas paredes com sujeidade e pequenas fissuras junto às vergas dos vãos. Nota-se, nas esquadrias da fachada dos fundos, nas janelas da capela e nas portas laterais, um processo de deterioração da madeira com a pintura já desgastada pelas intempéries (f65 à f69).



68



69



70



71



72



73



A jardineira da varanda lateral mostra pulverulência devido à retenção de água na terra do plantio e ao beiral do telhado, com telhas faltantes e/ou quebradas (f70), propicia infiltração descendente em algumas áreas. A bela cimalha tem partes comprometidas com deterioração e sujeidade (f71 e f72).

Na fachada frontal, a modulação e a sincronicidade dos vãos e esquadrias revela que a penúltima janela do lado direito substituiu uma porta, ficando registrado na parede as bases em pedra de seus marcos (f73).

Algumas janelas laterais da capela foram entaipadas, estando as do térreo sem suas guilhotinas (f74).

Próximo à cozinha, pode-se ver, nas pedras da cachoeira, as perfurações onde se fixavam os apoios das peças de madeira do cômodo que seria uma latrina ou, como na época se denominava, uma cloaca (f75).



74

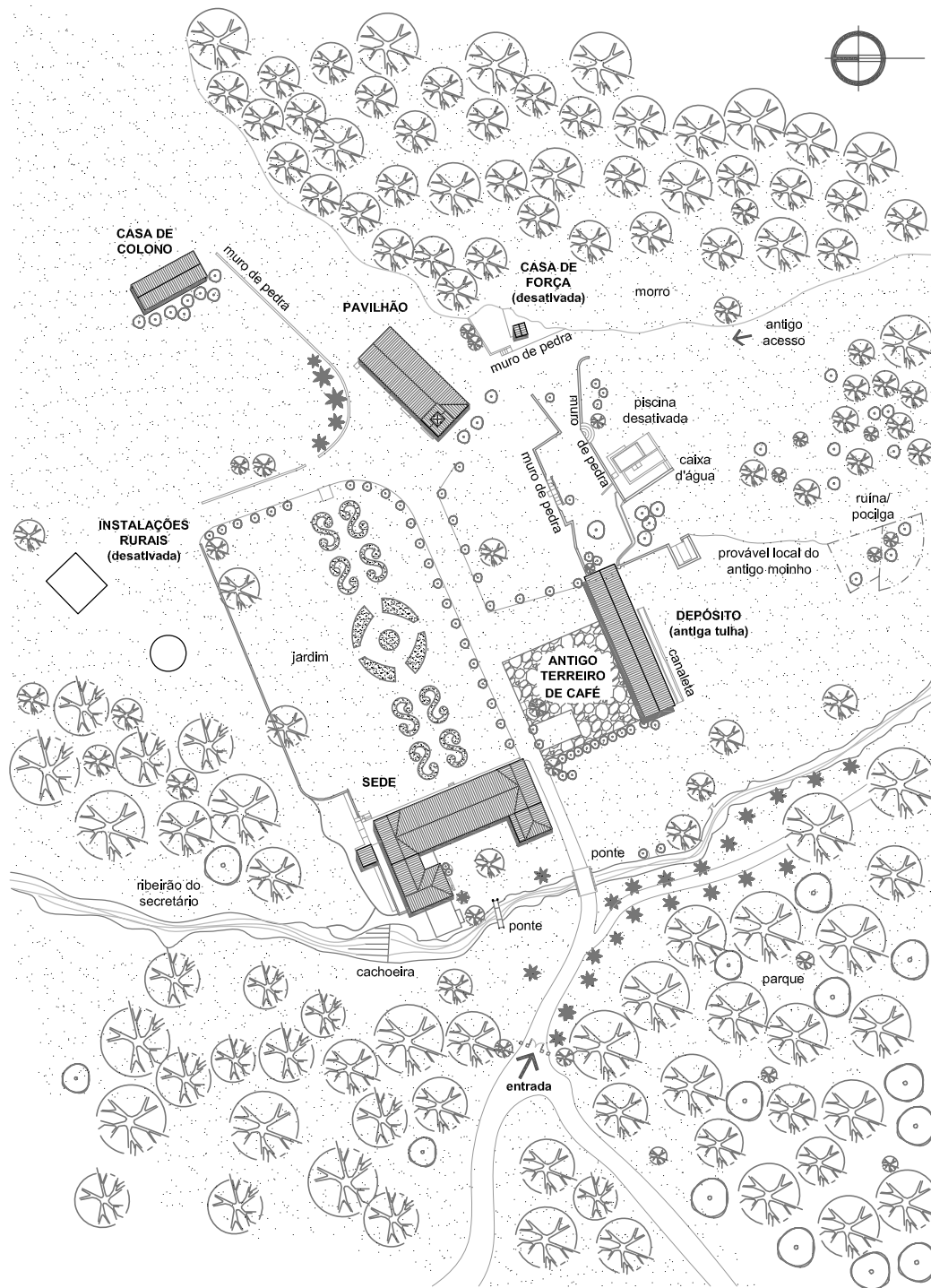


75



Fazenda do Secretário, litografia de Víctor Frond, meados século XIX (acervo IPHAN)

# FAZENDA DO SECRETÁRIO



1

Implantação  
escala: 1/1750



“Cavalgávamos nossas bestas. A bela monotonia da paisagem acabara por me entregar inteiramente às meditações interiores. Todo o percurso era uma fazenda... Conjeturava eu assim, sem grande inquietação íntima, porém com a secreta desesperança dos que perderam a pátria, quando o meu animal, picando a marcha, pareceu pressentir as Tulherias. Era uma fazenda. O Secretário tendes a vista esta soberba habitação... O sol e Victor Frond já a pintaram, com sua rica cascata... seus outeiros longínquos carregados de cafeeiros... que um homem, um único homem construiu em vinte anos de trabalho. O Barão de Campo Belo, eis em pessoa o seu primeiro Montmorency.”

Essa é a narrativa de Charles Ribeyrolles, francês exilado no Brasil, ao se surpreender com a visita à distância da Fazenda do Secretário, vindo de Vassouras, em pleno apogeu cafeeiro, no ano de 1858. A lembrança das Tulherias, o palácio dos reis da França, veio da boa impressão que os jardins lhe causaram. Efetivamente, Secretário era a mais eloquente ilustração de fazenda do ciclo do café, em todos os sentidos: uma grande casa, um imenso cafezal, um respeitável barão.

Sobressai a arquitetura neoclássica da moradia, influenciada pela introdução do estilo no Brasil, justamente quando a construção do palacete estava prestes a acontecer. Excepcional no acabamento, os dois frontões triangulares nas extremidades da fachada sugerem a sua divisão em três corpos. O da direita, o da capela<sup>1</sup>. O da esquerda, abrigando a parte íntima da casa em cima e os serviços em baixo. E o do meio, nos dois pavimentos, os ricos salões ornados com pinturas decorativas ou com as paredes revestidas de papel. Fronteiro à casa, o grande relógio francês sobre a torre marca o passar do tempo até os dias de hoje...

Secretário originou-se de uma sesmaria concedida, em 1743, a Pedro Saldanha e Albuquerque, logo transferida a Bartolomeu Machado Ferreira e Manuel Gomes Leal. Este último teria levantado a primeira casa de residência, ainda modesta e que daria lugar mais tarde ao palacete. Consta que o nome da fazenda se deve a um dos seus donos primitivos, que, por longo tempo, foi secretário do governador da capitania.

Mas o grande senhor da Fazenda Secretário foi Laureano Correia e Castro<sup>2</sup>, agraciado com o título nobiliárquico de barão do Campo Belo. Foi ele quem mandou edificar a bela casa e os primorosos jardins, monumentos que resistiram ao tempo. Foi Campo Belo que cobriu de cafezais os extensos campos da fazenda, famosa pela fertilidade da terra e produtividade da lavoura, realizações que fizeram de Secretário a mais importante de Vassouras durante o ciclo.

O interior é descrito nos inventários com mobiliário com guarnição francesa estofada, espelhos altos com vistosa moldura dourada. Sobre o mármore das mesas e consoles assentavam jarras de fina porcelana e candelabros de bronze com mangas de cristal lavrado. Na sala de jantar, uma mesa com quarenta e oito lugares, quatro aparadores e um relógio-armário de corda à manivela. Três caixas de faqueiro de prata e duas caixas de um menor em prata dourada, cinquenta e seis pratos de prata lavrada, outros vinte e quatro lisos, quinze travessas, saladeiras, mocheiras, fruteiras, tudo em prata, davam o tom do principesco rol de utensílios da fazenda.

Em Vassouras, vila criada em 1833 e elevada à categoria de cidade em 1857, Campo Belo se destacou como uma das figuras mais proeminentes. Ele e seus irmãos herdaram fortuna construída no ouro das Minas por seu pai, mas, ao invés de a dissiparem no gasto supérfluo da cidade, fizeram-na crescer na lavoura. Ao irmão Antônio, barão do Tinguá, caberia a honra de hospedar o imperador D. Pedro II na visita a Vassouras, em 1848. Laureano foi comandante da Guarda Nacional, da qual diria o historiador Inácio Raposo: “Nas longas filas dos batalhões da Guarda Nacional em grande uniforme e habitualmente comandado por Laureano Correia e Castro, cujo garbo militar impressionava a quantos tinham ensejo de vê-lo erguido sobre um corcel fogoso a dirigir tropas”.

O barão de Campo Belo faleceu em Vassouras no ano de 1861. Sua viúva<sup>3</sup> e o filho primogênito Cristóvão Correia e Castro o sucederem na fazenda. A necessidade de aperfeiçoar as lavouras de café, de adquirir maquinário eficiente e de pagar dívidas contraídas na compra de outras fazendas levou os donos a hipotecar a Secretário ao Banco do Brasil. Cristóvão, homem de qualidades iguais às do pai, logrou saldar grande parte da dívida, mas antes que a quitasse, foi alcançado pela abolição da escravatura e o fim do ciclo do café. Vive-se aí a fase triste da história da fazenda. Em 1905, já morto Cristóvão<sup>4</sup>, seu filho e herdeiro, Júlio Correia e Castro, consegue a renovação da hipoteca, mas, sem possibilidade de resgatá-la, perde a fazenda em 1908, transferida pelo credor a Georges Payen, em 1912. Desde então, Secretário pertenceria sucessivamente a Damphna Josephine Berthe Boogaests, Geraldo Rocha, Rural Colonização S/A e Mario Kroeff. “Kroeff, proprietário de 1952 a 1986, promoveu a divisão das terras pelos filhos, mantendo a casa, as benfeitorias e 15 alqueires geométricos de área...”.

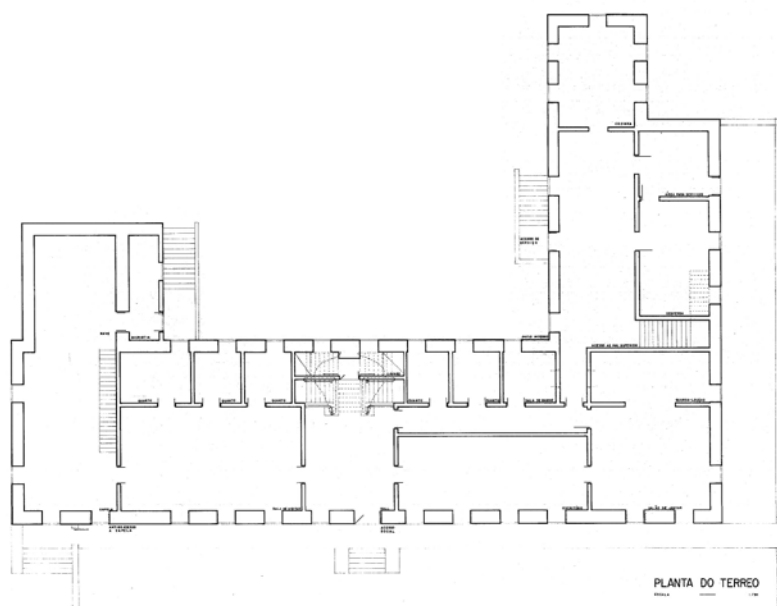
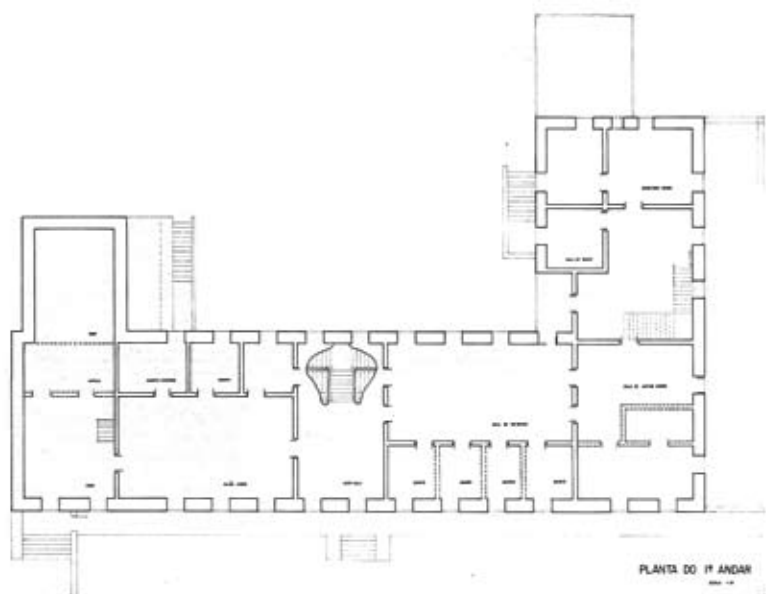
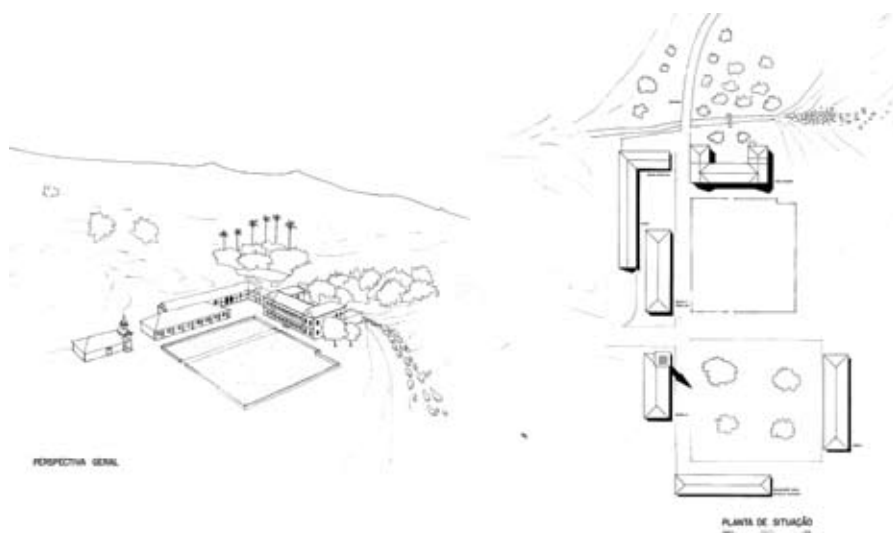
Resumo do texto extraído do livro: PIRES, Fernando Tasso Fragoso. *Fazendas: As grandes casas rurais do Brasil*. Rio de Janeiro: Abville Press, 1995. p.43-6.

<sup>1</sup> Totalmente destruída internamente, a antiga padroeira da capela, Santana Mestra, foi doada para a matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. A bela imagem em madeira policromada encontra-se exposta no primeiro altar, à esquerda, da nave principal da igreja. Por ocasião da festa da padroeira da fazenda, em julho de 1878, dr. Cristóvão recebeu o conde d'Eu. Este, logo após sua partida, ofereceu ao dr. Cristóvão, um retrato seu com significativa dedicatória.

<sup>2</sup> Laureano Correia e Castro foi casado com Eufrásia Joaquina, e tiveram seis filhos: Cristóvão, Antônio, Lúcio, Maria da Conceição, Maria e Ana Esméria. Esta última casou-se com o comissário de café dr. Joaquim José Teixeira Leite.

<sup>3</sup> A baronesa de Campo Belo faleceu em 13 de março de 1873. No seu inventário *post mortem* constava a Fazenda do Secretário com 377 escravos.

<sup>4</sup> Cristóvão faleceu em 12 de março de 1891. Sua esposa, D. Maria Cândida, e seu único filho, que, nesta ocasião, tinha somente 18 anos de idade, herdaram a fazenda, que compreendia uma área de 272 alqueires geométricos de terras, e 467.500 pés de café.



ACERVO INEPAC. Levantamento arquitetônico produzido por alunos da FABP / FERP, década de 1970